

16/03/AAAA

# Âmago roxo

Élida Souza

Saudações, leitores.

Este livro não pode começar com exclamações, ele é especialmente triste e totalmente autobiográfico (com delírios ultrarromânticos), tal obra foi escrita em uma noite destruída, foi no meio das lágrimas, dos soluços e dores.

É a primeira vez que escrevo um conto tão extenso, não deve ser bom pelo mesmo motivo. Como sabem, sou completamente medíocre sem nada especial ou bonito para oferecer, eu sou um animal desprezível, sem ninguém, sem amor, insensível.

Todos que nutrem pena, ódio, raiva, nojo de mim tem meu total apoio para tal. Eu não sinto, nem muito, nem pouco. Perdoem meus erros, todos.

Que essa história seja edificante, interessante ou alguma coisa para você, para mim foi uma vida, não é mais. Dito isso, vamos para a história que é e já foi. Para melhor apreciação aconselho que leiam em dia rui, ou tedioso.

Com melancolia, autora do asco.

## Agradecimentos

Malu, Arlene, Orlando, Gilson,  
Daianny, Rosana, Kaio, Cláudia,  
Larissa, Taygra, Shena,  
Apolinário, Zoe, Raul, Loba,  
Ana, Milagre, Jack, Tigresa,  
Robert, Caramelo, Elenilda,  
Maria Paixão, César, Eduarda,  
Cristina, Ivan, Douglas,  
Deivison, Tifane, Raiane,  
Ronieli, João Vitor, Marlon,  
Camila, William, Inambê,  
Marília, Lívia, Gisele,  
Lindoncésar.

Vocês existem. Obrigada.

Capítulo

Único

Âmago roxo

Essa história deveria ter um final feliz, para variar, mas não é. Então se preparem para mais uma história de infortúnios amorosos que só eu consigo explicar, viver...

Tudo começou com uma pequena borboleta laranja no meio do inferno, haviam formas que definiam aquele gracioso inseto, a delicada flor amarela, mas não existia nada que acusasse o culpado por registrar aquele fragmento do paraíso.

Assim, ousei ir mais longe e fui em busca do criador do meu sorriso, me libertou do lugar que estava, me deu esperança em seguir como andarilha até aquele desconhecido colo, o encontrei, nos achamos.

No pior momento fomos a borboleta um do outro, acabávamos de unir nossas asas

depois de enfrentar nossos casulos. Foi em uma noite de chuva, entre o céu e o mar que uma pergunta foi feita – sim – foi o que meu coração disse. Antes disso perguntei a ele se iríamos nos machucar (lembrem dessa pergunta).

“Talvez”, foi a resposta. Bastante sensato, mas ali não parecia muito. O “quem sabe” era revitalizante e não sabia se era lágrimas de felicidade ou os respingos das nuvens que beijavam meus lábios, mas era doce, era meu chocolate meio amargo em pessoa.

Dias depois eu, filha dos Sofrimentos do jovem Werther, tentava tirar minha própria vida em pensamento, porém, pensei na bendita borboleta e o chamei para me alegrar, levei ele para a minha mente perturbada e disse: Bem-

vindo ao meu inferninho, meu quarto. Pensasse que fiz isso de propósito, não era sexo o que pensava, pela primeira vez eu só queria ouvir Belchior e falar sobre as teorias que não nos interessava.

Era a primeira vez dele, era a nossa primeira vez. Senti-me menina ao mesmo tempo em minhas mãos havias essa grande responsabilidade, fiz jus ao momento. Águas de Março em Março chovendo com o ritmo da Mpb...

Depois disso o que houve não foram apenas momentos de grande alegria, o nosso começo foi desengonçado, foi agressivo e intenso. Você tão gentil, assíduo na igreja e devoto ao deus que acredita, eu tão boçal temente a mim e aos livros. Teria dado certo?

Talvez, uma boa parte de nossa convivência foi passar horas a fio conversando sobre fé, filosofia, comidas, programas, jogos de futebol, sonhos, gostos musicais, entes queridos, projetos pessoais e profissionais.

Nós conversávamos tanto, em qual parte da nossa jornada isso se perdeu? Será que tudo isso culpa minha? Talvez, essa palavra vai aparecer muito enquanto lembro dos nossos questionamentos, o quase. Nesta noite eu queria te abraçar até sentir os raios de sol acordando, mas nunca houve tal experiência.

Recordo de nossa viagem até a capital, ali foi uma das experiências que nos marcou, firmamos a confiança, você falou do que conhecia, cuidou de mim, nos divertimos e criamos um laço ainda maior, na volta

perdemos nosso feto. Para você era bebê, para mim, um amontoado de células que não era ainda um bebê.

Antes disso você me abandonou pela primeira vez, pois eu estava com medo de engravidar e não queria ser mãe, não naquele momento. Então passei por um aborto sozinha, sem saber que era um. Ficamos bem, meio desajeitados fomos nos adaptamos, afinal, existia em nós algo que faltava no mundo: Compreensão.

Assim seguimos fortes, unidos, sendo o Pilar de um Saramago de outro. O dia da poesia você estava presente, foi meu retorno ao meu eu poético e também foi o dia em que minha Sophia morreu, um dia triste mas que me recordo com afeição.